

"IÊ VIVA A TODOS OS MESTRES!": A CAPOEIRA ANGOLA E A IMPORTÂNCIA DO MESTRE POPULAR

RESUMO: Este ensaio, fruto de um exercício etnográfico realizado no grupo de Capoeira Angola *Eu Sou Angoleiro*, de Belo Horizonte, busca se aprofundar no papel que o Mestre de Capoeira exerce dentro de seu grupo, através dele, na sociedade que o cerca, a partir da perspectiva do próprio mestre do grupo, Mestre João Bosco. Partindo desse enfoque, o ensaio discorre sobre as contribuições que a Capoeira Angola traz à sociedade atual, na medida em que guarda e difunde os valores ancestrais, apontados aqui como opostos aos valores hegemônicos de um mundo eurocêntrico e capitalista (nos termos do Mestre João Bosco). E por fim, discorre sobre a importância do mestre nesse universo, para que a Capoeira Angola seja preservada e para que possa continuar a trazer essas contribuições.

*"Menino quem foi seu mestre, oi iaiá
Meu mestre foi Salomão
Andava de pé pra cima, ai meu deus
Com a cabeça no chão
A ele devo respeito, saúde e obrigação
sou discípulo que aprendo
sou mestre que dá lição
o segredo de São Cosme
só quem sabe e São Damião, camará..."*

Introdução

O presente ensaio foi fruto de um exercício etnográfico realizado com o grupo de Capoeira Angola de Belo Horizonte chamado *Eu Sou Angoleiro*², presidido pelo Mestre João Bosco. A pesquisa foi desenvolvida com o apoio e orientação do mestre, teve cerca de três meses de duração. O texto foi produzido com base em diversos materiais coletados na pesquisa de campo, dentre eles os Diários de Campo de cada um dos pesquisadores, transcrições de discursos gravados em eventos, entrevista com o mestre; composições e poesias de Lena Santos - bailarina e capoeirista da casa, parceira de Mestre João em sua fundação - além de dados do site da Associação Cultural Eu Sou Angoleiro. O principal objetivo da pesquisa é compreender e descrever qual o papel do mestre e o que fundamenta sua posição naquele contexto, considerando que a compreensão e descrição da experiência de um grupo específico podem contribuir para uma reflexão

mais geral e sistemática a respeito da cultura popular como um todo, se colocada em diálogo com a literatura sobre o assunto com outras etnografias realizadas em contextos semelhantes. A intenção deste texto é, portanto, descrever e organizar o que pudemos observar em nossa experiência de campo - principalmente no que se refere aos conteúdos trazidos pelas falas de nosso mestre - e articular algumas reflexões pessoais prévias, que posteriormente podem ser mais bem sistematizadas e articuladas em um artigo científico.

É importante dizer que além (e antes) de pesquisadores da Associação Cultural Eu Sou Angoleiro, somos também membros do grupo, e, portanto, discípulos do Mestre João. Nossa decisão de fazer a pesquisa se deu justamente por termos enxergado, em nossa experiência pessoal, um forte potencial transformador na Capoeira Angola, na medida em que nossa vida e nossas perspectivas foram sendo afetadas por essa prática, de onde veio nossa vontade de pesquisar o grupo e de tentar contribuir com a construção dessa história.

A primeira parte do texto trata-se de uma contextualização histórica, onde abordamos, de forma sintética, a trajetória da Capoeira e da Capoeira Angola no Brasil, e em Belo Horizonte, até chegar a abordar a história de Mestre João e de seu envolvimento com essa arte. Na segunda parte, partimos de uma fala de Mestre João, retirada de uma entrevista que ele nos concedeu, sobre o que ele considera o papel do

Ana Luísa Silva

Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais-UFMG.

Contato:

analuisasilva2012@gmail.com

Juliano Canedo Antunes

Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais-UFMG.

Contato:

julianocanedo@gmail.com

Palavras-chaves:

Mestre de capoeira; Capoeira Angola; etnografia.

¹ Ladainha de Capoeira Angola, domínio popular.

² A Associação Cultural eu sou Angoleiro - ACESA foi fundada em 1993, por Mestre João. Possui sede hoje na Rua da Bahia, nº 570, sala 1200, no Centro de Belo Horizonte.

Mestre Popular na atualidade e dividimo-la em quatro pontos que julgamos principais. Acreditamos que essas quatro partes representam dimensões importantes do exercício da mestria, e passamos a fazer uma análise mais aprofundada de cada uma delas, relacionando com o material coletado no campo.

O primeiro ponto da resposta do mestre diz respeito ao trabalho do mestre sobre sua própria pessoa, e nela buscamos explicar em que está embasada essa posição de mestre no grupo; o segundo ponto diz respeito ao ofício de transmitir e preservar o saber ancestral da Capoeira Angola; o terceiro ponto está relacionado à função de unir e guiar o grupo através dos saberes ancestrais; e no último ponto buscamos abordar a atuação do mestre e do grupo em seus diálogos com outros universos que não o da Capoeira Angola ou das artes Afro-Brasileiras, buscando explicitar assim o discurso político que observamos no Eu Sou Angoleiro - que considera a Capoeira Angola, assim como outras manifestações da cultura popular, como um potente caminho de transformação social.

É preciso dizer que esses quatro pontos foram separados por nós, e isso foi feito apenas para que pudéssemos explicar como se dá e em que se embasa essa relação tão complexa e tão essencial à capoeira, a relação entre o mestre e seus discípulos. A terceira última parte do trabalho trata-se de uma conclusão do que pudemos observar em nosso campo, sobre o quão indispensável é o mestre no universo da Capoeira Angola, abordando também os problemas que a falta de compreensão deste aspecto da Cultura Popular por parte de algumas instituições podem causar, e abordando principalmente a relação da Capoeira Angola com o poder público.

1 - Contextualização histórica - De Angola a BH

A capoeira é uma arte brasileira secular surgida nos tempos da escravidão, como uma forma de preservação, expressão e resistência da cultura dos africanos e afrodescendentes no Brasil. A prática da capoeira foi considerada ilegal, e duramente perseguida pelo Estado até o ano de 1936, quando foi legalmente descriminalizada, no primeiro governo de Getúlio Vargas, continuando, no entanto, a ser marginalizada e alvo de preconceito por grande parte da sociedade. Apesar disso, a Capoeira pôde resistir à perseguição, sendo difundida pelo país através dos mestres e seus grupos, chegando hoje em dia a ser reconhecida pelo IPHAN como patrimônio imaterial da cultura brasileira, e pela UNESCO como patrimônio da humanidade.³

Pouco tempo após o reconhecimento legal da Capoeira, começou a se solidificar a divisão da prá-

tica em dois estilos diferentes: A Capoeira Angola, tendo atualmente como maior referência o Mestre Pastinha; e a Capoeira Regional, tendo como sua referência Mestre Bimba. A Capoeira chamada Angola perdeu muito espaço na medida em que a Capoeira Regional ia se estabelecendo como o "esporte nacional" em meados do século XX, e passou por um período de quase extinção. Posteriormente ela ressuruiu como uma reação de alguns capoeiristas a certa descaracterização e perda da ligação com a ancestralidade que atribuíam à Capoeira Regional, denunciando principalmente a existência de um alto grau de competitividade, tendência ao atletismo, e distanciamento dos fundamentos, consequência da aproximação com as outras artes marciais vindas do oriente, que já tinham passado por esse processo de esportivização. A Capoeira Angola ressuruiu, portanto, sobretudo com uma perspectiva de resgate da ancestralidade africana, através de uma estética e uma técnica distinta das artes marciais orientais, descrita como mais lenta e maliciosa e menos acrobática, trazendo a valorização de uma prática mais ritualística e com maior enfoque no conteúdo filosófico.

Trazemos como ilustração dessa história e dos fundamentos da divisão entre as duas "Capoeiras", uma poesia de Lena Santos:

(...)
XII
1940 A HISTÓRIA COMEÇA A MUDAR
A capoeira a se organizar
O governo populista do presidente Getúlio
Vargas reconhece as cultuas populares
E tem nesse momentos dois grandes personagens
MESTRE BIMBA é um negro grandão
Que pega a capoeira e junta com outras lutas
Batuque, Judô, Savate.
Trás um berimbau aqui, tira um atabaque ali
Defende que a capoeira nasceu no Brasil, por aí
Cria a LUTA REGIONAL BAIANA
Os estudantes gostam, os ricos praticam,
agora é nas academias com carteirinha, uniforme, regras e métodos
A capoeira se transforma num esporte nacional
XIII
MESTRE PASTINHA
Velho baixinho, leão de chácara, pintor
Começa a trazer FILOSOFIA pro corpo da capoeira
Funda o CECA (CENTRO ESPORTIVO DE CAPOEIRA ANGOLA)
Garante que a capoeira é AFRICANA, africano quem boto,

3 A Capoeira foi oficialmente reconhecida pelo IPHAN como patrimônio cultural do Brasil, em 7 de fevereiro de 2008. A 9ª Sessão do Comitê Intergovernamental para a Salvaguarda - da UNESCO - aprovou, em novembro de 2014 a Roda de Capoeira como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade. Fonte: <http://portal.iphan.gov.br/>

*Essa luta tão brasileira, ele diz:
MANDINGA DE ESCRAVO EM ÂNSIA DE
LIBERDADE*

*Quer mantê-la como sempre foi
De preferência rasteira
Como na antiguidade"⁴*

A disseminação da Capoeira em BH começou a ocorrer em 1960. Foi nesta década que vieram para Belo Horizonte os dois maiores precursores da capoeira aqui, o Mestre Cavalieri e o Grão Mestre Dunga⁵. Segundo o trabalho de Carolina Césari e Rubens Silva,

"apesar de ter suas particularidades, a trajetória da capoeira na capital mineira foi palco também dos dramas coletivos que se registram na história, de um modo geral, das expressões culturais e religiosas de matriz africana no Brasil: perseguição policial, discriminação, estigma, preconceitos e marginalização" (CÉSARI & SILVA, 2015).

De fato, foi com muita persistência, a despeito de toda a perseguição policial e da discriminação social e racial, que os dois mestres abriram as portas da Capoeira em Belo Horizonte, com a organização de seus treinos, suas rodas e suas associações. Contudo, apesar da importância desses dois nomes, é preciso creditar a difusão da capoeira na cidade a outros capoeiristas também, tanto alguns discípulos desses dois mestres, quanto a outros que posteriormente vieram de fora, como o Mestre Rogério e o Mestre Jurandir, precursores da Capoeira Angola em Belo Horizonte. Apesar de sua difusão tardia, a Capoeira belo-horizontina tem hoje uma expressão muito forte, contando com cerca de 80 grupos de capoeira.

A história de Mestre João enquanto capoeirista se mistura com a história da Capoeira Angola em Belo Horizonte e no Brasil. Nascido em Belo Horizonte, Mestre João se dedica à capoeira desde o seu ensino fundamental, e vivenciou grande parte desses processos, tanto da difusão da capoeira em BH, quanto do resgate da Capoeira de Angola, iniciado na cidade nos anos 80. Ele nos contou em entrevista que começou a jogar capoeira ainda novo, no colégio, em 197x, e em 1974 começou a treinar a capoeira de rua com o Mestre Dunga. Em 1979, ele entrou em contato com o trabalho do mestre Reginaldo Velho no CIAME (Centro Integrado de Assistência ao menor), que ocorria dentro da FEBEM. No mesmo ano, ele assumiu esse trabalho na FEBEM, onde deu aulas até 1982, sob orientação de Mestre Dunga, até ser demitido, segundo conta, por ter sido perseguido pelo Estado, na época da ditadura militar. Quando professor na FEBEM, M. João já encarava a capoeira como

milítância, e afirma que se sentiu muito vazio e deprimido quando foi demitido de lá. O vazio é atribuído não somente à sua demissão, mas também por ele observar, na mesma época, o processo descaracterização que a capoeira sofria por influência das outras lutas e dos esportes de rendimento. Foi exatamente nessa época que Mestre Rogério lhe convidou a aprender a Capoeira de Angola, lhe dizendo que com ela ele descobriria outra forma de militância política. Mestre Rogério havia acabado de chegar na cidade, e trazia a notícia do movimento que estava surgindo em Salvador, onde alguns mestres estavam se reunindo no Forte Santo Antônio, logo após a morte de Mestre Pastinha, em 13 de Novembro de 1981, para promover um resgate e reestruturação da Capoeira de Angola no Brasil⁶.

Mestre João treinou com M. Rogério por três anos em Belo Horizonte, até que este o encaminhou para treinar em Salvador com Mestre Moraes (ex-aluno de Pastinha). Ele começa a treinar em Salvador em 1985, voltando para Belo Horizonte só em 1987. Logo que voltou, se juntou a outros capoeiristas (hoje também mestres) para realizar o trabalho de resgate da Capoeira Angola em BH, que havia começado em 1982. Esse trabalho foi mantido até 1993, quando Mestre João Pequeno (também ex-aluno de Mestre Pastinha), que vinha da Bahia visitar o seu trabalho todos os anos, lhe permitiu assumir o título de Mestre e assumir seu próprio trabalho. No mesmo ano, Mestre João fundou a Associação Cultural Eu Sou Angoleiro, e no ano seguinte a registrou, escrevendo seu estatuto, baseado nos estatutos das associações de combate ao racismo. Segundo o Mestre, a associação foi fundada

"como uma frente de trabalho cultural, mas com um objetivo social, de resgate social, de cidadania, com objetivo educativo também, com a prática de Capoeira Angola como instrumento de educação, e com a prática de Capoeira Angola também como um instrumento de combate ao racismo. E ao lado disso, como um trabalho corporal, e de ritmo corporal e de visão de mundo, pra dar sustentação à escola de Dança Afro, que a gente tava fundando aqui, com a Companhia Primitiva de Arte Negra." (Belo Horizonte, Setembro de 2015).

É difícil precisar quantos membros e quantas frentes de trabalho possuem a ACESA atualmente, pois esses dados variam muito - frentes que surgem, acabam e ressurgem, discípulos que vêm e vão- mas a resposta que obtivemos dos contramestres é que hoje a ACESA possui cerca de 300 membros, e entornado de 15 frentes de trabalho em Belo Horizonte e em sua região metropolitana. O público em geral é bem

⁴ Poema retirado do Manuscrito Capoeira Ancestral, coletânea de poemas e textos da autoria de Lena Santos, datada de 2012, à qual ela nos concedeu acesso para realização deste trabalho.

⁵ Mestre Dunga nasceu em Feira de Santana, da Bahia, e foi um dos capoeiristas de rua mais antigos a vir para Belo Horizonte. Coordena a academia Senzala, que também é a residência do referido mestre, situada na Vila dos Marmiteiros, um pequeno aglomerado no bairro Padre Eustáquio, em Belo Horizonte.

⁶ Para informações mais completas sobre esse movimento, consultar O Centro Esportivo de Capoeira Angola - Academia de João Pequeno de Pastinha no processo de revitalização da Capoeira Angola no período de 1980-1990, de Luís Vítor Castro Júnior. Texto integrante dos Anais do XVII Encontro Regional de História - O lugar da História. ANPUH/SPUNICAMP. Campinas, 6 a 10 de setembro de 2004, disponível em <http://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CD%20XVII/ST%20IX/Luis%20Vitor%20Castro%20Junior.pdf>

diverso, até mesmo pela dispersão espacial das frentes de trabalho: algumas se localizam no centro de Belo Horizonte, outras na periferia, outras na periferia de cidades periféricas e uma na UFMG.⁷

Além dos treinos e das rodas periódicas da capoeira, o grupo realiza diversas outras atividades no intuito de promover a Capoeira, a Dança-Afro, e outras culturas de matriz africana. Um dos maiores eventos



Rafaella Melisse

⁷ Informações sobre as frentes de trabalho da ACESA disponíveis em <http://www.eusouangoleiro.org.br>

produzidos pelo Grupo, que acontece anualmente e já conta com 12 edições, é o *Lapinha Museu Vivo* - que geralmente é realizado em Lagoa Santa, dura um fim de semana inteiro, conta com a participação de

todas as frentes do grupo e é aberto ao público em geral. O evento convida mestres de Capoeira Angola de vários outros lugares do Brasil, além de mestres de outras artes de matriz africana presentes no Bra-

sil, como o Tambor de Criola, a Dança-Afro, Bumba meu Boi, o Congado, e etc., para ministrar oficinas, apresentações, e participar de rodas de conversa. A casa ainda promove outros eventos dessa natureza, como o Aldeia Kilombo século XXI - que possui uma proposta semelhante ao do Lapinha museu vivo, mas geralmente ocorre em Belo Horizonte, e dura um dia só. Existem outros menores, como a *Chamada da Capoeira Angola*, que é bienal, e ocorre na UFMG. Outras atividades que se destaca na casa são as desenvolvidas no Centro Cultural Flor do Cascalho⁸, localizado na comunidade do Cascalho, próxima a região do Prado, em Belo Horizonte. O Centro é dirigido majoritariamente por membros da ACESA, e sedia muitas atividades da comunidade, possuindo hoje, inclusive, um estúdio profissional de gravação, destinado à gravação do trabalho de artistas locais, e ao trabalho de mestres e mestras populares de Belo Horizonte.

Todos esses trabalhos são, em última instância, coordenados pelo Mestre João. Ainda que muito seja executado sem a sua presença e orientação direta, a sua aprovação é sempre necessária e seus conselhos e suas ponderações têm sempre um peso enorme nos processos e nas diretrizes dos projetos, além de que ele é sempre reverenciado ao final de qualquer realização de qualquer frente do grupo. Essa questão será abordada com mais profundidade no próximo tópico deste ensaio.

2 - Capoeira Angola e o Mestre

"O segredo da Capoeira morre comigo; e muitos outros mestres (...)" - Mestre Pastinha.

Realizada esta introdução e contextualização histórica, gostaríamos de aprofundar um pouco mais na análise do papel que desempenha o Mestre Popular, através do trabalho de Mestre João.

O nosso interesse em querer analisar a figura do mestre decorreu, dentre outras razões, do estranhamento que tivemos, em nossa entrada na capoeira, ao nos depararmos com um contexto em que há um mestre, portador de uma autoridade sobre todos do grupo, reverenciado e reconhecido como o guardião do Notório Saber. Essa situação, em que há um sujeito insubstituível, a quem devemos reverência e obediência pelo saber que carrega e que transmite *através do silêncio*, como dizemos na capoeira, foi sem dúvida muito chocante para nós e diferente de quaisquer vivências que já tivemos em nossa trajetória dentro de outras instituições. Já havíamos lidado com diversas autoridades, é claro, como de professores, coordenadores, chefes, mas nenhuma que se assemelhasse à natureza da autoridade que possui o Mestre Popular dentro de seu grupo.

Para se tornar mestre, é necessário primeiramente, experiência com a prática daquele saber/ofício - nesse caso, a Capoeira Angola - e em segundo lugar o reconhecimento da comunidade - de preferência que esse reconhecimento seja dado por outro mestre. O notório saber dos mestres populares, é portanto, passado do mestre para os discípulos, dentre os quais alguns se tornarão mestres mais tarde, fundarão seus próprios trabalhos e darão continuidade àquela tradição.

Dentro de sua comunidade, o Mestre Popular possui atribuições que vão além das de ensinar seu ofício. Quando questionado por nós sobre o assunto, Mestre João nos respondeu sobre o que seria o papel do Mestre na comunidade:

"O papel do mestre popular é tentar resgatar-se a si mesmo a todo momento, manter a atitude de investigador, de pesquisador desses valores de ancestralidade. Lutar pela preservação desses valores dentro de si mesmo e dentro de sua casa, dentro da sua comunidade. Através desses valores, tentar manter o grupo unido, a comunidade unida. E se abrir para o diálogo com tudo que rodeia ele: instituições, poder público, academia, outras manifestações culturais também, da sua etnia, de outras etnias, de outras escolas, de outro mundo. Manter esse diálogo constante. Acho que isso é que vai fazer ter força para manter viva a tradição de seus ancestrais, e deixar um legado para a cultura." (Belo Horizonte, Setembro de 2015.)

Tomando como ponto de partida essa fala, procuraremos elucidar melhor as diferentes funções que cumpre o Mestre Popular e expor a profundidade destas, como foi apresentado na introdução do ensaio.

2.1 - "resgatar-se a si mesmo a todo momento ..."

O primeiro elemento trazido pelo mestre João quando lhe perguntamos sobre o papel do mestre é a função de pesquisador dos valores ancestrais, e de zelo por esses valores dentro de si, de sua casa e de sua comunidade. Merece a nossa atenção especial aqui esse termo "ancestralidade", constantemente evocado no meio da Capoeira de Angola e abordado pelo mestre nessa entrevista. Segundo Mestre Luís Vítor de Castro Júnior

"O ancestral acaba sendo uma figura importante nesse contexto (da roda de Capoeira). Existe uma espécie de reconhecimento do seu trabalho que foi realizado no passado: ele é louvado e homenageado nas músicas,

⁸ Localizado na Rua Marco Antônio, nº 150, Morro do Cascalho – Belo Horizonte – MG. Brasil.

nos eventos, nas vestimentas, enfim em todo o espetáculo. O morto representa um símbolo mítico poético de conhecimento, que serve como forma de revigorar o passado em uma constante dinâmica de fidedignidade dos conhecimentos adquiridos pelo seu ancestral". (CASTRO JUNIOR, 2004)

A ancestralidade apontada por Mestre João é algo que o mestre deve guardar e cultivar dentro de si, e consiste num conjunto de valores e saberes, provenientes desse trabalho realizado no passado, pelos ancestrais, que lhe permitem manter a comunidade unida e o saber preservado. É interessante observar, que não consiste em um conjunto de informações que pode ser passada de uma vez, como em um texto ou em um curso, pois não se trata simplesmente de um entendimento de alguma lógica, mas sim de um conjunto complexo de habilidades, que envolvem aprender a lidar com a vida e com as pessoas, com as opressões e com circunstâncias adversas, que é transmitida de muitas outras formas além de pela escuta de ensinamentos verbais, como pelo trabalho com o corpo, pelo trabalho musical e por todo o ritual.

O Saber Popular, portanto, não se trata de um saber que pode ser traduzido na forma de uma dissertação, e é justamente por isso que se diz que ele só pode ser ensinado (ou seria melhor dizer transmitido?) através do silêncio. Em muitas outras oportunidades pudemos escutar algo parecido referente a isso. Quando conversávamos, por exemplo, a respeito da disciplina que o Mestre possivelmente ministraria em 2016 na UFMG, convidado pelo projeto de extensão Artes de Ofícios dos Saberes Tradicionais⁹, ele comentou:

"O que eu queria dizer aquele dia (Em sua fala na abertura das disciplinas dos Saberes Tradicionais), é que falta o pessoal se propor de verdade a conhecer o saber popular. Não adiantam mil teses sobre o assunto. Não é assim que funciona o saber tradicional (...). Reconhecer o saber tradicional não é só jogar lá dentro pra ser tudo igual. A forma que se ensina na cultura popular é outra, não é assim. Eu acho, sinceramente, que meia hora de berimbau por dia ensina uma pessoa bem mais sobre a capoeira, e pode mudar sua vida bem mais do que 300 páginas, mudar sua perspectiva." (Belo Horizonte, setembro de 2015)

O trabalho que o mestre realiza sobre si mesmo – e que ele busca ensinar aos seus discípulos, e às pessoas, em geral, a também realizarem - é o que garante ao mestre a autoridade singular que possui dentro do seu grupo e que tanto nos chocou. O mes-

tre é alguém que trabalhou muitos anos a si mesmo, sob a orientação de outros mestres, e por isso pode orientar seus discípulos a trabalharem a si mesmos, não somente por ter o domínio de algum conhecimento, mas por ter o "domínio de si". É o reconhecimento desse trabalho sobre si mesmo que sustenta a autoridade do mestre perante o grupo: ele é tido como aquele que tem condição de levar o grupo à direção certa, e por isso suas sugestões e ponderações pesam tanto sobre qualquer trabalho realizado. Uma famosa frase de Mestre Pastinha, citada por Lena Santos, pode ajudar a ilustrar esse trabalho sobre si, realizado através da Capoeira:

"A Capoeira não é apenas um movimento de ataque e defesa para momentos inesperados, mas sim um conjunto de exercícios psicofísicos que trazem equilíbrio, fazendo do capoeirista um perfeito desportista, um Homem que sabe se dominar antes de dominar o outro."¹⁰

2.2- "Lutar pela preservação desses valores dentro de si mesmo e dentro de sua casa, dentro da sua comunidade"

Um outro aspecto importante que possibilita alguém a ser mestre, é a realização de trabalhos de educação e difusão do conhecimento. Certa vez, quando estávamos com o mestre ele encontrou um antigo camarada da capoeira em um sacolão. Os dois conversaram um pouco, e quando ele foi embora o mestre me disse que eles jogavam juntos nos anos 70. Perguntamos a ele então se ele também era um mestre e o M. João me respondeu "Com o tanto de fundamento que ele tem, ele já poderia ser um mestre, mas o mestre é aquele que desenvolve trabalhos de educação também." Essa não é uma regra absoluta na capoeira, existem exceções, mas costumeiramente os títulos da Capoeira Angola (Treinel, Contramestre e Mestre) são concedidos na medida em que os discípulos vão desenvolvendo seus trabalhos de educação e difusão da capoeira, sob a orientação de seu mestre. Não se trata simplesmente de carregar o saber consigo, mas de saber passá-lo e assim preservá-lo também.

Essa função de educar e dar continuidade ao saber ancestral da Capoeira Angola pode ser observada nos treinos e oficinas que o mestre ministra em sua casa, mais precisamente, os treinos que ele ministra semanalmente, aos sábados. Durante os treinos, a postura do mestre é de fazer observações, pontuar o que está sendo feito errado, comentar, corrigir, passar ensinamentos. Esses ensinamentos podem ter a ver com questões objetivas - um movi-

⁹ Artes de Ofícios dos Saberes Tradicionais é o nome dado ao programa de extensão da UFMG, surgido no primeiro semestre de 2014, que vem ofertando semestralmente novas disciplinas na Universidade, com o objetivo de realizar uma experimentação pedagógica e epistêmica na UFMG por meio de estudos teóricos e práticos de saberes de matrizes indígenas e afrodescendentes, conduzidos pelos próprios mestres populares.

¹⁰ Citação retirada do Manuscrito Capoeira Ancestral, coletânea de poemas e textos da autoria de Lena Santos, datada de 2012.

mento que está sendo realizado incorretamente, ou um instrumento que está sendo tocado fora do ritmo, ou com pouca força - mas na maioria das vezes parte-se de uma situação dessas para passar um ensinamento maior, sobre um comportamento da pessoa, ou do grupo, diante da vida.

É importante ressaltar também aqui o valor da máxima já citada, de que o *mestre ensina pelo silêncio*. Na maior parte do treino de Capoeira Angola do grupo, quase não se fala, apenas se pratica. Quando o mestre vai propor um exercício, ele bate palmas, anunciando o fim de uma prática, faz um gesto indicando que todos deem uma *volta ao mundo*, e em seguida aponta para duas pessoas que devem executar a demonstração do próximo exercício no centro da roda. Quando a demonstração é feita, ele corrige a execução das pessoas, faz comentários sobre como deve ser, e a daí os demais devem treinar. Enquanto as duplas praticam, o mestre anda pela sala corrigindo a prática por meio do toque, e às vezes demonstrando ele mesmo como deve ser feito. Explicações longas, teóricas, e argumentadas são coisas que não se presencia em um treino de Capoeira Angola.

Dentro de seu grupo, a cobrança realizada pelo Mestre para que seus discípulos executem as práticas e rituais conforme a tradição é bem enfática. Essa cobrança para com os discípulos é distinta da cobrança para com aqueles que são de fora da casa – como acontece, por exemplo, quando ele vai ministrar uma oficina para pessoas que tiveram pouco ou nenhum contato com a Capoeira Angola – e vai se tornando cada vez maior quanto maior o tempo que a pessoa passa na casa. Um exemplo que ilustra muito bem a pedagogia do Mestre dentro de sua casa pode ser retirado de uma situação relatada em nosso caderno de campo:

"Volta ao mundo"¹¹ disse o mestre. Enquanto fazíamos isso ele soltava alguns "vivas", aos mestres, a Deus do céu e etc. Ele agachou e agachamos também. Ele nos chamou pra avaliarmos o jogo de fora, e pediu a dois alunos mais velho que fizessem a demonstração. Os dois jogaram um tempo e ele fazia várias intervenções ao longo do jogo, pedia para pararem, e fazia críticas ao jogo de cada um. A um deles, o mais novo dos dois, disse-lhe severamente que ele não estava acertando o outro, que a vergonha dele estava atrapalhando o jogo dele e isso lhe impedia de acertá-lo e de ensinar ao colega as falhas que ele estava dando. "Você não está atingindo o seu colega. Você está com vergonha de cobrá-lo. Se o outro deu um vacilo na guarda, você tem que marcar a rasteira. Você nesse último movimento podia ter mostrado a ele o vacilo dele, mas na sua atitude de bonzinho, você não ajudou ninguém,

não preparou ninguém para se defender, e enquanto você não cobra, o mundo fora daqui vai cobrar." (Belo Horizonte, Setembro de 2015)

Além de coordenar os treinos, ao mestre ainda cabe, direta ou indiretamente, a coordenação de todas as atividades que são realizadas pelos núcleos ligados à ACESA. Embora, como dito anteriormente, a ACESA conte hoje com algo entorno de 15 frentes de trabalho, especialmente e organizacionalmente descentralizadas, todas elas se reúnem no entorno da figura do mestre. As frentes de trabalho possuem autonomia para pensar eventos e atividades, mas certas coisas só podem ser decididas com o aval do Mestre. Um exemplo disso é quem pode ser responsável por puxar os treinos de capoeira Angola: uma pessoa, por maior experiência que tenha, não pode começar a dar treinos sem autorização. Outro exemplo são as rodas de capoeira: ninguém pode ter a iniciativa de realizar uma roda de Capoeira com o nome do grupo sem passar pelo Mestre.

Após os treinos de sábado, sempre acontece na sede do grupo a *roda dos informes* que constitui um espaço essencial de articulação interna do grupo. É único espaço onde as pessoas têm a oportunidade de comunicarem umas com as outras, diante do mestre, e assim discutirem os trabalhos que estão sendo desenvolvidos nos núcleos. A roda dos informes é onde se fazem os convites para os eventos e mutirões que estão acontecendo, tanto aqueles organizados pelas frentes como também eventos externos que possam interessar ao grupo; é também o espaço principal onde se articula a organização dos grandes eventos do grupo, como o *Aldeia Kilombo sec. XXI*, e o *Lapinha Museu Vivo*; onde são delegadas as tarefas e onde é decidido quem vai fazer o que, como e quando. É importante pontuar que, embora o grupo se articule também através de outros meios, como facebook, email, whatsapp, é só na roda dos informes na sede, na presença do mestre e de D. Lena (Lena Santos), que são decididas as questões mais importantes.

2.3 - "Através desses valores, tentar manter o grupo unido, a comunidade unida."

O conteúdo dos valores ancestrais ali trabalhados é algo que não pode ser trabalhado aqui, em primeiro lugar porque, como já foi dito, não é algo que seja transmissível por meio de descrições verbais, e, em segundo lugar, porque não somos mestres. Entretanto, podemos fazer uma breve reflexão, ainda que limitada, de porque esses valores são tidos como importantes, e porque o grupo deve se guiar neles.

Um dos fatores principais e que constantemente

¹¹ *Volta ao mundo* é o nome do movimento que se faz nos treinos, entre um exercício e outro. O Mestre, ou o Treinel que está encarregado do treino, bate uma palma e diz "volta ao mundo", e todos param o que estão fazendo e começam a andar em círculo pela sala, na direção anti-horária. Algumas vezes nem é preciso dizer as palavras, o Mestre só faz um gesto com o dedo, indicando uma volta, e todos realizam a volta ao mundo.

é abordado pelo Mestre João em rodas de conversa é a capacidade que esses valores têm de unir o grupo e através deste a comunidade. O trabalho de união exercido pelos mestres populares e seus grupos é sem dúvida um argumento central no discurso do Eu Sou Angoleiro, e está presente quase sempre nos discursos do mestre à públicos externos. É interessante para a compreensão desse fator vermos alguns trechos de sua fala no evento "Capoeira Angola e Patrimônio"¹², organizado pelo grupo Angola Dobrada:

"Mas falando sobre essa questão de, com o Mestre Rogério, nesses anos passados e tal. Falei 'Mestre Rogério, o senhor tem ouvido falar do conselho?'"(O conselho referido é o conselho de mestres, que começou a ser articulado no IPHAN, logo após o decreto que transformava a capoeira em um patrimônio imaterial) "Não" "O senhor acha interessante a gente fazer ou continuar fazendo, ou quer ir lá no conselho?" "Não" "Foi tanto não que depois ele falou assim 'Porra eu acho que a capoeira tem seu próprio processo orgânico, sua organização orgânica' E eu não entendi isso bem. Até que um dia, a Vanilsa chegou ali e eu lembrei e falei com o Rubens, né? Falei 'Olha, a Leda Martins me lembrou isso uma vez. Ela falou assim, ela foi acusada de que 'ah, esse povo do congado não tem organização política nenhuma. É difícil lidar com eles, não tem organização política, não tem militância política' E ela, uma catedrática e tudo, ela falou pra eles -Além de ser Rainha Conga é uma catedrática também- Ela falou pra eles assim 'Olha, tem uma organização que vocês acham que é política, que vem da esquerda, do movimentos social, muito embasada também em processos eurocêntricos e opressores. Até a herança de sindicalismo italiano aqui no Brasil. E que a esquerda não conseguiu avançar muito bem e que ela não fez, não abraçou a militância cultural como forma de transformação política. E nisso a nossa esquerda pecou muito.' Aí ela falou assim 'O Reinado tem sim, o Reinado da Nossa Senhora do Rosário tem uma militância e uma organização política muito séria e muito profunda que mantém a comunidade, acima de toda opressão, com qualquer tipo de governo, estado, viva, forte, unida. E isso é uma organização orgânica e vocês nunca vão entender'" (Belo Horizonte, Outubro de 2015).

É possível perceber nesse discurso – tanto no do mestre, quanto no citado durante e fala - que o trabalho da cultura popular de unir a comunidade é apontado como essencial à humanidade toda, mas que infelizmente esse trabalho não é devidamente reconhecido por algumas instâncias, como o poder

público, por se tratar necessariamente de um processo orgânico, de uma organização distinta dos moldes das instituições apontadas como eurocêntricas e opressoras, como os partidos políticos ou mesmo as demais instituições estatais.

Vale notar, que o mestre não apenas afirma que a organização e a união da capoeira é distinta da forma de organização eurocêntrica - identificada no poder público, nos partidos e mesmo nas universidades - mas também coloca que esse modelo eurocêntrico nunca conseguirá dar conta da complexidade da organização promovida pelos saberes populares. Ou seja, os saberes populares, nessa perspectiva, continuam existindo e sendo indispensáveis no mundo atual, a despeito de toda a invisibilidade ou tentativa de enquadramento que sofrem por parte do Estado. Em seu discurso no evento de abertura do projeto de extensão dos Saberes Tradicionais na UFMG, é possível perceber a importância que tem a união promovida pelos saberes populares para o Mestre:

"(...) Manter a casa unida é a primeira coisa que se tem que fazer, no sentido de mexer com toda mandinga possível, por que a estrutura da casa unida, enquanto o grupo tiver unido e enquanto tiver existindo grupos culturais, a nação resiste. A nação pode resistir, independente da condição do estado, a condição política, econômica do estado, a comunidade está assegurada porque tem um grupo ali guardião dos valores humanos. Um grupo que produz Axé, que produz energia, que unifica os laços, que potencializa os sentimentos benéficos de amor, de perdão, pra casa continuar unida, pra comunidade continuar unida, pro povo continuar tendo identidade, ter alegria de viver (...)" (Belo Horizonte, Setembro de 2015).

2.4 - "E se abrir para o diálogo com tudo que rodeia ele..."

Por último, gostaríamos de nos aprofundar na quarta parte da fala do mestre João, sobre seu papel de atuar como figura pública, porta voz daquilo que ensina diante das outras instâncias e instituições sociais. Um dos aspectos que mais nos chamou atenção e nos motivou a realizar essa pesquisa foi a consistência do discurso político adotado pelo grupo Eu Sou Angoleiro, discurso esse que é reproduzido tanto internamente, nos momentos de organização e discussão interna do grupo, quanto externamente, quando o Mestre, ou algum dos outros membros, atua como seu porta voz em eventos e debates públicos. Esse discurso político se sustenta sobre alguns pilares fundamentais. O primeiro deles seria a impor-

¹² Capoeira, Memória e Patrimônio, foi o nome escolhido em 2015 para o evento/encontro anual do grupo de Capoeira Angola, Associação Cultural Angola Dobrada - ACAD, presidido por Mestre Rogério e Mestre Índio. Esse ano, o evento ocorreu nos dias 15, 16, 17 e 18 de Outubro, e contou com a participação de vários Mestres, dentre eles os Mestres da casa, e Mestre João.

tância da Capoeira de Angola, a contribuição que ela pode trazer para a sociedade em seu entorno. Dona Lena aborda essa questão ao final de seu manuscrito, já citado aqui:

(...)
NAS FAVELAS HOJE EM DIA SÉC XX E XXI
Temos áreas de risco, periferias, guetos
KILOMBOS URBANOS
Onde ainda encontramos a capoeira Sem-
pre tem tambor, batuque, lutas e danças facei-
ras
Ela tá dentro das escolas, tem novo desa-
fio a capoeira?
Manter o corpo sadio e a mente alerta
Dos tios, dos professores, da estudantada
esperta
Política do mundo opressiva e escravista
Através da discriminação, competição e
dominação,
Baseada na ambição trás a pobreza e a
humilhação
Forma de escravidão com certeza"¹³

O ato de se abrir para tudo o que rodeia o grupo, na fala do mestre, é justamente o que permite ao saber ancestral se manter vivo, ou seja, se manter atual. É interessante ver nesse poema de Dona Lena, que a capoeira, surgida como uma "Mandinga de escravo em ânsia de liberdade", continua cumprindo um papel semelhante atualmente, na medida em que ainda se identificam elementos opressivos e escravistas no mundo. O saber ancestral da capoeira, portanto, desde que se mantenha em diálogo, continua sendo tido como um *amparo* para a resistência à discriminação, à competição, à dominação, à pobreza e à humilhação. Usamos a palavra *amparo* aqui não arbitrariamente, mas porque muitas vezes Mestre João e Dona Lena afirmaram que as pessoas, devem se "apoderar da cultura popular" para militar politicamente, tratando assim a cultura popular como um recurso que pode ampará-las. Mestre João afirmou em seu discurso na abertura dos Saberes Tradicionais:

"Hoje o jovem de 15 a 25 anos principal-
mente, o jovem negro, o jovem índio estão
morrendo. Nem mesmo a cultura de raiz, a
cultura ancestral consegue agora dar a mão a
esse jovem. Ou ele tá em culturas negras e in-
dígenas contemporâneas, como o Hip Hop, ou
ele se torna um quadro do tráfico. Aí a gente
pode percorrer várias ONGs, várias escolas,
mas não vamos encontrar esse jovem, não va-
mos encontrar essa faixa etária das minorias
tendo uma boa formação, tendo nem que seja
ali o amparo dos saberes dos seus ancestrais"
(Belo Horizonte, Setembro de 2015).

Mais a frente, no mesmo discurso ele diz:

"Fazer práticas de cuidado, pra quando a
gente for pro mercado, for pras escolas ou for
pra rua, a gente estar amparado por um exér-
cito muito maior, que vai dar a linha de ação, a
linha política certa pra dar a contribuição e a
construção de um mundo novo muito melhor.
(...) Estamos desamparados, estamos traba-
lhando só com o intelecto numa questão que
passa pelo coração, pelo corpo, pela vivência,
pela entrega verdadeira." (Belo Horizonte, Se-
tembro de 2015).

Quando perguntado diretamente sobre essa con-
tribuição da Capoeira Angola para a sociedade, Mes-
tre João explicita sua concepção:

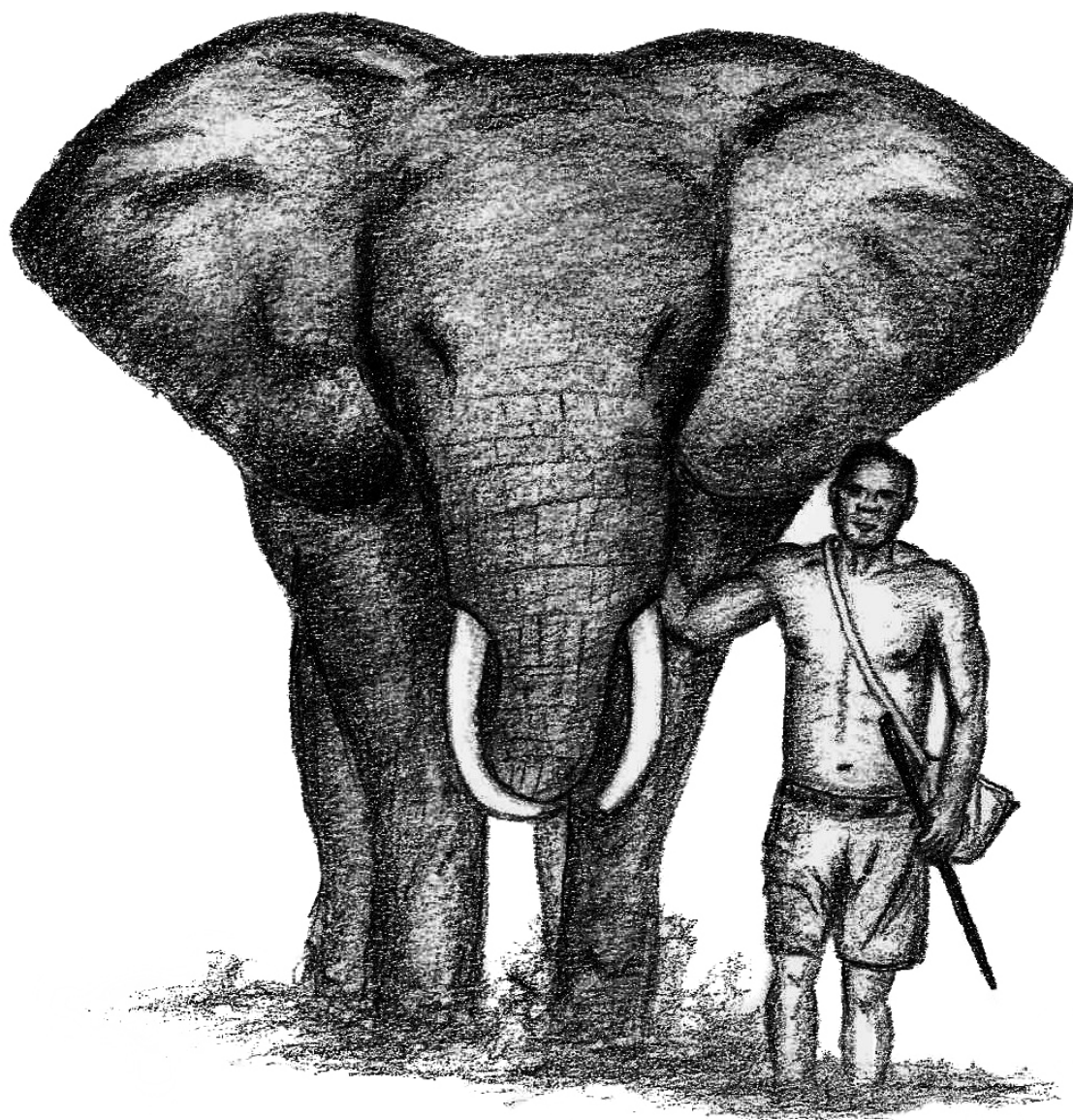
"Toda Capoeira deve ser preservada.
Agora, a Capoeira chamada Angola procura
resgatar mais a visão de mundo africana, né?
Mais rituais antigos. E através dessa visão de
mundo africana, está implícita na movimenta-
ção corporal dela, uma movimentação corpo-
ral de menos impacto, o que distancia ela da
tendência das outras capoeira de se adequa-
rem aos esportes de rendimento. Esportes
de rendimento geram valores como: pressa,
agitação, força, competitividade, vaidade, acro-
bacias, privilegiam certos aspectos da cultura
que têm a ver com a sustentação da visão de
mundo eurocêntrica e capitalista. Enquanto a
visão de mundo africana, através da movimen-
tação de menos impacto na atitude corporal
vai propiciar um esporte grupal, uma atitude
esportiva baseada na música, na espirituali-
dade, na dança, em aspectos culturais que são
mais interessantes pra fortalecer os laços co-
munitários. E valores como cooperação, solida-
riedade, respeito ao mais velho, coisas assim.
(...)" (Belo Horizonte, Setembro de 2015).

É possível observar a existência de uma concep-
ção do grupo de capoeira, traduzida nas palavras do
Mestre, sobre quais seriam os valores que governam
a sociedade contemporânea: pressa, agitação, força,
competitividade, confronto, vaidade, associados dire-
tamente a uma visão de mundo eurocêntrica e que
embasa um sistema econômico capitalista. Por outro
lado, a Capoeira de Angola existiria como resistência
e contraponto a isso, promovendo em sua prática o
avivamento dos valores contrários a esses: coopera-
ção, solidariedade, respeito aos mais velhos, ampara-
dos pela denominada visão de mundo africana. Por-
tanto, dentro do grupo Eu Sou Angoleiro, a militância
pela Capoeira Angola é na verdade uma militância
em defesa dos valores ancestrais, tidos ali como os
únicos capazes de reverter o individualismo e a com-

13 Poema retirado do
Manuscrito Capoeira Ancestral,
coletânea de poemas
e textos da autoria de Lena
Santos, datada de 2012.

petitividade da sociedade contemporânea, como a "última fronteira do mundo globalizado", nos termos do próprio mestre. A importância desses valores para o mundo, na concepção ali presente, fica clara na se-

guinte frase do mestre:



Rafaella Melisse

guinte frase do mestre:

"Quando toda a cultura popular dos povos e nações da terra acabar, aí a comunidade humana se destrói a si mesma de uma vez por todas. Explode a bomba atômica, dentro do indivíduo e fora dele também. Mas vamos rezar pra isso não acontecer! Axé." (Belo Horizonte, Setembro de 2015).

3 - Conclusões

Realizar essa pesquisa nos proporcionou diversas experiências e reflexões importantíssimas para nossa formação como pessoas, como capoeiristas, como militantes e como pesquisadores, e algumas delas gostaríamos de compartilhar nessa conclusão.

A primeira, e mais evidente delas, diz respeito à

abordada em sua totalidade por qualquer tentativa de explicação nos moldes do pensamento científico. A cultura popular se aprende, se entende e se explica na prática e na vivência de suas manifestações: no treino de Capoeira, na Roda, nas festas e rituais. O mesmo pode ser dito dos ensinamentos do mestre. Portanto, temos que admitir que nossa tentativa de descrição e abordagem da figura do mestre possui muitas lacunas e de forma alguma suprime o significado da mestria presente no grupo em sua totalidade.

Em segundo lugar, gostaríamos de defender o quão importante e indispensável é o papel do mestre para a Capoeira Angola, pois acreditamos que esse é um dos pontos de maiores desentendimentos que ocorrem quando outras instituições, como as do poder público, entram em contato com a Capoeira, mesmo quando têm a intenção de preservá-la ou difundí-la. Em nossa pesquisa, pudemos compreender que sem um mestre que guarde e ensine esses saber ancestrais, não há como preservar a Capoeira Angola; assim como a prática da Capoeira, sem um mestre, não cumpre o papel de promover essa "união da comunidade", ou de se constituir como um amparo para a resistência às opressões do mundo atual. Mestre João por vezes se refere ao mestre popular como a "viga-mestra" da manifestação cultural. Segue um discurso em que ele explicita essa posição, ao mesmo tempo em que denuncia a falta de entendimento do poder público quanto a essa questão:

"Entra ano sai ano, entra século sai século, criam-se políticas públicas pra cultura, mas nenhuma dessas políticas públicas tocam na ferida que continua sangrando: A situação do mestre popular. Sem mestre não existe a mani-

festação cultural, sem o mestre a comunidade inteira se dispersa, sem o mestre não há quem guardar os segredos e os verdadeiros valores da humanidade. Toda manifestação cultural reside nessa base estrutural, que são os guardiões dos saberes tradicionais." (Belo Horizonte, Setembro de 2015)

Essa fala carrega uma crítica à postura que vem sendo adotada pelo poder público, na leitura de muitos capoeiristas: a de realizar o movimento de reconhecimento simbólico das manifestações da cultura popular, reconhecendo-as como patrimônio nacional, por exemplo, sem, no entanto, ajudar a garantir as condições para que os mestres realizem seu trabalho. Isso se manifesta na ausência, por exemplo, da efetivação de um plano de salvaguarda que garanta a aposentadoria e plano de saúde dos mestres populares, na dificuldade dos mestres de estabelecer uma sede própria, ou de estabelecer um trabalho dentro das escolas públicas, dentre outros.

Essas pautas citadas acima, e outras pautas, são recorrentemente colocadas no debate público que envolve a Capoeira Angola e outras manifestações da cultura popular, mas ainda existe um caminho a ser trilhado para que isso se concretize, e o mestre popular possa alcançar um grau de reconhecimento pelo poder público, e por outras instâncias da sociedade, coerente com o trabalho que ele desenvolve (na e pela) da comunidade.

Por último, gostaríamos de agradecer ao mestre João, à sua esposa Dona Lena e ao grupo pela colaboração, e por todos os recursos que nos forneceram em nossa trajetória na Capoeira até hoje, e para a realização desse trabalho. Axé.

Referências bibliográficas

- CASTRO JÚNIOR, Luís Vitor. (2004), "Capoeira Angola: olhares e toques cruzados entre historicidade e ancestralidade". *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 25, 2:143-158
- CÉSARI, Caroline & SILVA, Rubens. A Capoeira em Belo Horizonte - no prelo.

Recebido em 11 de fevereiro de 2016

Aprovado em 13 de setembro de 2016